



# Miguilim

revista eletrônica do netli  
volume 6, número 2, Maio-Ago. 2017

## AS ANDANÇAS DE WALTER BENJAMIN ENTRE FIGOS FRESCOS E OMELETE DE AMORAS



## THE TRAVELS" FROM WALTER BENJAMIN'S BETWEEN FRESH FIGS AND BLACKBERRIES OMELET

Jorge Benedito de Freitas TEODORO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR  
RECEBIDO EM 04/05/2017 • APROVADO EM 12/09/2017

---

### Abstract

---

Based on the reading and interpretation of the fragment (aphorism) *Eat* in this collection *Images of thought* [*Denkbilder*] the philosopher Walter Benjamin (2012), think this paper objective think the relations between food, city, experience, memory, fiction and *flânerie* in the philosophical-literary writing built by Benjamin in the above fragment.

---

### Resumo

---

Com base na leitura e interpretação do fragmento *Comer* presente na coletânea *Imagens de pensamento (Denkbilder)* do filósofo Walter Benjamin (2012), este breve artigo objetiva pensar as relações entre comida, cidade, experiência, memória e *flânerie* na escrita filosófico-literária construída por Benjamin no supracitado fragmento.

---

## Entradas para indexação

---

**Keywords:** Food. City. Experience. *Flâneur*. Memory

**Palavras-chave:** Comida. Cidade. Experiência. *Flâneur*. Memória.

---

## Texto integral

---

De Nápoles à Ibiza, com estadias em Moscou e Paris, a penúria material impôs a errância como condição *sine qua non* para a sobrevivência de Walter Benjamin, um pensador melancólico que depositou a sua atenção nos pequenos detalhes da realidade capazes de oferecer um traço substancial para o conhecimento não dogmático, mas constelacional dessa mesma realidade. Nesse modelo de pensamento não-identitário, Benjamin apresenta ao seu leitor as “Imagens de pensamento” (*Denkbilder*) como fragmentos nos quais convergem a liberdade do ensaio filosófico, o fulgor literário e um conjunto de imagens que revelam restos de memórias e de experiências.

O fragmento “Comer”<sup>1</sup> permite-nos, segundo Sabrina Sedlmayer-Pinto (2014) “especular como a comida possui um lugar” na concepção benjaminiana de história “e se encontra colada à lembrança de um tempo vivido” (SEDLMAYER-PINTO, 2014, p. 146). Deste modo, apontando para a singularidade do fragmento, pretendemos introduzir algumas especulações acerca das possíveis relações de cooptamento entre comida, cidade, experiência, memória e *flânerie* na escrita benjaminiana presente no supracitado fragmento.

Tomado pela ancestralidade das vielas de Nápoles, Benjamin, com o peso de uma carta em seu bolso, descobre uma singela carroça de figos. A magia do encontro entre o *flâneur* e a carroça fornece ao leitor a possibilidade de se encantar com a narrativa tragicômica do confronto entre Benjamin e os figos “pretos, azuis, verdes-claros, violetas e marrons” (BENJAMIN, 2012, p. 218). Trágica pelo fato de não ter consigo um embrulho para aqueles frutos e cômica pelo ato do comer desesperadamente e sem moderação a imensa massa de figos que se iluminava a sua frente.

Nessa narrativa do encontro residem os traços fundamentais de uma narratividade capaz de tocar a experiência em seu sentido autêntico (*Erfahrung*). Primeiramente, o tom de oralidade se destaca nesses escritos, de modo que, ao lê-los temos a impressão de estarmos de frente ao narrador tradicional, conforme apresentado no ensaio de 1936, “O Narrador” (“*Der Erzähler*”), “Quem escuta uma história está em companhia do narrador; quem a lê partilha dessa companhia” (BENJAMIN, 2012a, p. 230). É interessante ressaltarmos que nessa “Imagem de

pensamento”, o pensador adota a posição privilegiada do viajante, daquele que percorreu o mundo e por isso “tem muito que contar” (BENJAMIN, 2012a, p. 214), compartilhar experiências e fornecer conselhos para aqueles que estão dispostos a ouvi-los. Passagens como a seguinte talvez reforcem essa colocação:



Agora não podia parar de comer, precisava tentar me defender, o mais rápido possível, contra a massa de frutas robustas que me havia atacado. Mas aquilo já não era um comer, mas um banhar-se, pois o aroma resinoso penetrava nas minhas coisas, se grudava as minhas mãos, emprenhava o ar, através do qual eu levava minha cara diante de mim. (BENJAMIN, 2012, p. 218)

No interessante relato acima, inferimos uma experiência a ser partilhada entre o narrador e o leitor, inclusive podemos tomá-la como a exposição de conselhos valiosos: se for a Nápoles e encontrar uma carroça de figos não se esqueça de ter em mãos um embrulho ou em frente a muita comida devore-a sem cerimônias. Contudo, convém salientar que esse conselho não possui os teores de uma teoria epistemológica que busca delimitar a experiência vivida enquadrando-a num conjunto de variáveis capazes de responder a todos os questionamentos que dela possam surgir, pelo contrário, o conselho assume o tom de uma sugestão acerca do vivido aproximando-se do discurso vivo que muda de boca-em-boca, de relato em relato, tornando-se um saber popular.

Indo em direção ao tema do comer sem limites, Benjamin acentua que enfrentava a massa de figos “para exterminá-la” (BENJAMIN, 2012, p. 218). Revelação que põe em contraposição duas temporalidades vividas pelo pensador, o passado e presente, pois no agora a “avidez, a comezaina, o comer radicalmente se contrapõe ao tempo em que lia calmamente Proust, comendo marzipã.” (SEDLMAYER-PINTO, 2014, p. 147). Deste modo, o comer sem limites – a necessidade de comer para exterminar a massa de figos e o espectro da fome –, ressalta a situação de Benjamin no presente desses fragmentos que não é outra senão a de penúria material, de errância pela Europa e dependência financeira de amigos que, estendendo a afirmação de Sedlmayer-Pinto, se contrapõe às lembranças da infância, conforme sugere o fragmento “A despensa”:

(...) ia apalpando o açúcar ou as amêndoas, as passas e as compotas. E do mesmo modo que o amante abraça sua amada antes de beijá-la, aquele tatear significava uma entrevista com as guloseimas antes que a boca saboreasse sua doçura. Com que lisonjas entregavam-se à minha mão o mel, os cachos de passas de Corinto e até o arroz! Com que paixão se fazia aquele encontro, uma vez que escapavam à colher! (BENJAMIN, 2012, p. 88)

É tocante a diferença na relação estabelecida com a comida, pois se no presente, Benjamin tem de consumi-la vorazmente sem preparação ou parcimônia,

nas memórias da infância, por outro lado, a relação é lúdica e se dá, sobretudo, através de um cortejo amoroso entre o menino e a refeição. Contudo, no início do fragmento o pensador ressalta que “jamais degustou uma iguaria quem sempre comeu com moderação” (BENJAMIN, 2012, p. 217), isto é, seja na comilança voraz ou no flerte amoroso com a comida é preciso deixar-se dominar pelos sabores da comida a fim de se perder na experiência do comer tal como o *flâneur* se perde pelas ruas das cidades desconhecidas.

No desjejum do “Café *Crème*”, Benjamin – tomado pela embriaguez da observação que provém da multidão –, absorve o fragor especular que emana das ruas e se deixa tomar pelo encontro com a novidade que lhe insufla a imaginação e propõe um retorno à infância conferindo-lhe a possibilidade do recordar e da reconstrução das narrativas. Nessa pequenina mesa de café, o pensador – similar à criança – “vê tudo como novidade” (BAUDELAIRE, 2010, p. 25), cuja leve atenção se esvai entre observar o “manejar mecânico do empregado” e “o prazer contemplativo, com que, na pausa entre os dois goles, um viajante vagorosamente esvazia a xícara” (BENJAMIN, 2012, p. 219).

É, justamente, nessa embriaguez que o *flâneur*/observador deixa-se levar pelo acaso proveniente das ruelas romanas que se afunilam entre casas e casebres centenários, esperando ser surpreendido pelo encontro fortuito com uma taverna ou um “salão sombreado” (BENJAMIN, 2012, p. 219). Entretanto, esse encontro não acontece e, aos olhos famintos do pensador, nenhuma comida lhe parece “suficiente e honesta” (BENJAMIN, 2012, p. 220), deste modo, a caminhada descompromissada do *flâneur* se modifica, ele não respira mais segundo a caminhada tranquila, até mesmo a primorosa observação de anteriormente, agora lhe causa repugnância – a paisagem já não é mais narcótica, pelo contrário, ela é obstáculo que se coloca entre a fome e o saciar.

Na busca por esse local de banquete, os sentidos se tornam cães de caça que procuram nos “alimentos crus mais simples (...) um aroma nunca sentido” (BENJAMIN, 2012, p. 220), um sabor verdadeiramente novo e nessa eufórica caminhada em busca do saciar a fome, o pensador é atingido pelo relampejar “de uma janela iluminada”, uma “*osteria*, onde tinham acendidos as luzes antes das casas e das lojas” (BENJAMIN, 2012, p. 220). Nessa *osteria*, cujo ar fantasmagórico transporta Benjamin à Paris do século XIX, onde a iluminação artificial recém-inaugurada suscitava um “cenário de sonho” (BENJAMIN, 2009, p. 605, [T 1, 3]), o *flâneur* se entrega ao aroma do vinho e aos sabores das tiras de bacalhau e, ali, procura fixar domicílio no incógnito misturando-se com os operários que, como ele, se deleitam na experiência da comilança.

Os próximos pratos do cardápio benjaminiano destacam as ‘andanças’ de Benjamin em diferentes países da Europa, mas que revelam o caráter estético presente na comida. Em peregrinações pela Rússia, o pensador narra o contato com o *borscht*, um prato típico do leste europeu composto por um creme arroxeadado de beterrabas, carnes, tomates, cebolas e finalizado com colherada de nata ou manteiga. Já em Capri – região da Itália –, Benjamin delicia-se com o “*Pranzo Caprese*”, um prato camponês no qual borbulham os saborosos vapores de “alho, feijões, gordura de carneiro, tomates, cebolas, azeite” (BENJAMIN, 2012, p. 222).

A comida como experiência estética ganha força em Benjamin no instante em que ele se deixa ser tomado por ela revelando a complexidade de uma experiência para além do simples comer, como por exemplo, no saborear do *borscht*, que inunda o “seu corpo com a espuma perfumada”, fazendo com que os seus olhos fiquem “cegos para tudo que não seja *borscht*” (BENJAMIN, 2012, p. 221). A passagem seguinte acentua com primazia a potencialidade da experiência estética da comida como algo capaz de retirar o sujeito da condição cotidiana do comer e transportá-lo para um local onde o comer aponta, sobretudo, para uma experiência de ampla abertura, invenção e imaginação:

Quão poucos conhecem, então, a *magia da comida*, e quão pouco eu mesmo sabia dela até aquele instante de que falo aqui. Provar aquilo não foi absolutamente nada, era apenas a transição decisiva, insignificante entre essas duas coisas: primeiro cheirá-la e depois, contudo, *ser tomado por ela*, ser calcado totalmente, dos pés à cabeça, amassado por aquela comida, como que agarrado pelas mãos dessa velha meretriz, espremido e esfregado com seu sumo – o sumo da comida ou da mulher, já não saberia dizer. (BENJAMIN, 2012, p.223 – grifos nossos)

Sem dúvida, a experiência de ser tomado pela comida assemelha-se a experiência do sujeito diante da obra de arte, principalmente no que confere à potência da arte de retirar o sujeito da dimensão real e de transportá-lo para outra dimensão, a estética.

As andanças de Benjamin são finalizadas com uma “velha história” (BENJAMIN, 2012, p. 223) sobre a “Omelete de amoras”. Nesse *menu* temos a parábola de um rei que na infância experimentou a mais deliciosa das omeletes de amoras e, posteriormente, exigiu ao seu cozinheiro a repetição da famosa omelete a fim de reviver, bocada-a-bocada, a mesma experiência do passado no presente. Diante dessa tarefa, o cozinheiro declara que mesmo imitando passo a passo a receita é impossível que sua omelete proporcione ao rei a repetição da experiência passada. Diante disso, o cozinheiro defende que: “como haveria eu de temperá-la com tudo aquilo que, naquela época, nela desfrutastes: o perigo da batalha e a vigilância do perseguido, o calor do fogo e a doçura do descanso, o presente exótico e o futuro obscuro” (BENJAMIN, 2012, p. 224). Enfim, essa passagem revela a impossibilidade da recuperação voluntária da experiência ou da memória no presente, visto que as condições para a feitura da omelete são outras: o rei não se encontra ameaçado pelo perigo, mas sim, na segurança de seu trono – assim, a narrativa da omelete simboliza a irrepetibilidade da experiência e a impossibilidade do retorno voluntário da memória. Nesse sentido, parece-nos que a omelete de amoras coloca-se como a antítese à noção proustiana da memória involuntária (*mémoire involontaire*), objeto de estudo de Benjamin.

No primeiro volume de *Em busca do tempo perdido*, Marcel Proust (2010) é tomado pelo retorno das memórias da infância no singelo ato de comer uma *madeleine* mergulhada no chá de tília. Para dizermos brevemente, no instante em

que Proust leva à boca a *madeleine* amolecida pelo chá, uma torrente de memórias involuntárias lhe invade, suspendendo momentaneamente a ordem do vivido. É uma força memorialística que lhe chega de forma involuntária, isto é, não há ação da vontade no acontecimento proustiano de rememoração, de modo que, o gesto de comer a *madeleine* amolecida pelo chá de tília – tal como realizado nos idos da infância –, faz com que venham à tona memórias, até então esquecidas, de um passado passível de ser reencontrado no presente.

Diante do caráter *involuntário* com que memórias irrompem no tecido proustiano, Benjamin afirma que o escritor francês rompe com a composição de uma memória voluntária que demanda, sobretudo, uma atenção para ser recuperada, ao ressaltar que, em Proust, “o passado encontrar-se-ia em um objeto material qualquer, *fora do âmbito da inteligência e de seu campo de ação*” (BENJAMIN, 1989, p.106 – grifos nossos). Logo, o passado vem à tona em objetos e acontecimentos nos quais a atenção e o desejo de recuperação por meio do pensamento não estão depositados, pelo contrário, a possibilidade de ressurgência da memória reside nos objetos provindos do *acaso*, como o caso da *Madeleine* mergulhada no chá de tília.

A omelete de amoras se aproxima da concepção proustiana da *mémoire involontaire*, ao ressaltar a impossibilidade da recuperação da memória que deposita suas atenções voluntariamente em um objeto específico, pois, nesse caso, a comida não é um objeto consumido ao acaso, mas sim um objeto no qual estão depositadas as vontades de recuperação do passado perdido. Em outros termos, o rei tem o desejo de recuperar a memória perdida tomando como suporte a reconstrução da omelete idêntica àquela experimentada anteriormente, isto é, à omelete é demandada uma atenção que nada tem de involuntária. Deste modo, diferentemente da *madeleine* proustiana, na omelete de amoras real a possibilidade de recuperação das experiências do passado é tida como impossível, já que ela se encontra completamente condicionada à vontade de recuperação memorialística determinada pelo rei e não pelo acaso.

Procuramos nesse brevíssimo artigo relacionar alguns aspectos da “Imagem de pensamento” “Comer”, com noções benjaminianas que acentuam a singularidade da *flânerie*, da narração, da experiência, da cidade, da memória, dos sentidos e da estética. Para tal, saboreamos cada um dos pratos do *menu* benjaminiano visando introduzir a possibilidade de iniciação de um viés de discussão que tenha a comida como mote principal pra o suscitar o entendimento de algumas noções definidas por Benjamin a partir de uma outra ótica.

## Notas

<sup>1</sup> O fragmento “Comer” apresenta as seguintes subdivisões: “Figs frescos”, “Café Crème”, “Falerno e Bacalhau”, “Borscht”, “Pranzo Caprese” e “Omelete de amoras”. Pretendemos percorrer essas subdivisões destacando alguns aspectos de cada uma delas.

---

## Referências

---

BENJAMIN, W. Comer. In: **Obras Escolhidas II. Rua de mão única**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2012.

\_\_\_\_\_. **Passagens**. Trad. Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: **Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. O narrador. In: **Obras Escolhidas I. Magia e técnica. Arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Roanet. São Paulo: Brasiliense, 2012a.

BAUDELAIRE, C. **O Pintor da Vida Moderna**. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SEDLMAYER-PINTO, S. Comer o passado com pão de fome: Relações entre comida e literatura. In: **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Africana da UFF**, vol. 6, nº 12, abril de 2014. p. 141-152.

---

## Para citar este artigo

---

TEODORO, Jorge Benedito de Freitas. As andanças de Walter Benjamin entre Figos frescos e Omelete de amoras. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 6, n. 2, p. 39-45, maio-ago. 2017.

---

## O autor

---

**Jorge Benedito de Freitas Teodoro** é doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Mestre em Estética e Filosofia da Arte pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e graduado em Filosofia (bacharelado e licenciatura) na Universidade Federal de Ouro Preto. Participa de dois grupos de pesquisa: o Grupo Arte e Conhecimento (IFAC-UFOP) e o Núcleo Walter Benjamin (FALE-UFMG).

**Apoio/Financiamento:** PSDE/CAPES Processo 88881.134015/2016-01.